

editorial

Ao se locomover dentro de seu espaço, o homem transporta consigo todas as posições que já ocupou, todas as que ocupará. Está simultaneamente em toda parte, é uma multidão que avança de frente, recapitulando a cada instante uma totalidade de etapas (Claude Lévi-Strauss 1908 | 2009)

Completar dezoito anos é motivo de comemoração. Data carregada de sentidos, nos remete à ideia de emancipação, maioridade, passagem para uma nova fase da vida adulta. E, este ano, a revista *Cadernos de Campo* completa seus dezoito anos de existência. Fruto da iniciativa dos alunos da Pós-Graduação em Antropologia Social, estes anos que somam a maioridade foram marcados pela renovação de sua comissão editorial, pelos desafios de se manter uma revista acadêmica, mas acima de tudo, pelo aprendizado conjunto que marca a todas as editoras e editores que trabalharam para manter a constância de sua publicação, desde o ano de 1991.

Mas, muito embora esta marca de maioridade faça da *Cadernos de Campo* uma das revistas de alunos pós-graduandos mais antigas nas ciências sociais do Brasil, trata-se de uma curta existência se comparada à trajetória centenária de Claude Lévi-Strauss, demiurgo da nossa mitologia antropológica, que se locomoveu por múltiplos espaços, ancorando inclusive aqui nestes trópicos. Pessoa e obra que pudemos acompanhar e homenagear ao longo destes dezoito anos, desde a entrevista concedida pelo antropólogo francês ainda no segundo número da revista, até o con-

junto de ensaios dedicado a ele na última edição, por ocasião de seu centenário.

A décima oitava *Cadernos de Campo*, tribu-tada à memória de Lévi-Strauss, traz ao leitor diversificadas contribuições, elaboradas por graduandos, pós-graduandos e professores de instituições de ensino e pesquisa do Brasil e do exterior. Além das contribuições de textos e produções estéticas, como ocorre usualmente, esta edição apresenta os resultados do evento “*Constituindo um campo*”: estudos de comunidade e o desenvolvimento das Ciências Sociais no Brasil (1940-1960), realizado em setembro de 2009. O debate foi co-organizado pela *Cadernos de Campo* e a Pós-Graduação em Antropologia Social da USP e deu origem ao *especial Estudos de Comunidade*, aqui apresentado.

O *especial* reúne um conjunto de reflexões críticas a respeito desta tradição de estudos nas ciências sociais, realizados no Brasil entre as décadas de 1940 e 1960. E, aproveitando o ensejo das datas, comemora com isso os 60 anos de dois dos mais importantes estudos desta tradição: a pesquisa realizada por Donald Pierson no Vale do São Francisco e o chamado “Projeto Columbia University/ Estado da Bahia”, coordenado por Charles Wagley, ambas pesquisas iniciadas no ano de 1950. Ainda como parte do *especial*, a seção *entrevista* traz uma conversa com a antropóloga Josildeth Gomes Consorte, que comenta sua experiência como integrante na pesquisa do “Projeto Columbia University/ Estado da Bahia”, o Programa de Pesquisas Sociais do estado da Bahia e Universidade de Columbia.

Já a seção *especial*, propriamente dita, agrupa as análises de Marcos Chor Maio “Estudos

de Comunidade e relações raciais: o convênio Columbia University – Estado da Bahia/ UNESCO na década de 1950” e “Divergências teóricas, divergências políticas: a crítica da USP aos ‘estudos de comunidades’, de Luiz Carlos Jackson, fruto de suas respectivas participações no evento “*Constituindo um campo*”.

O *especial* ainda conta com a republicação do texto “Persistência e mudança em sociedades de ‘folk’ no Brasil”, de autoria de Gioconda Mussolini, publicado pela primeira vez em nos Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas de São Paulo em 1955. No artigo, a autora critica a falta de conteúdo histórico nas etnografias oriundas dos estudos de comunidade e é precedido de uma apresentação crítica elaborada pelo pesquisador Andrea Ciacchi, “Uma leitura crítica aos estudos de comunidade no Brasil: apresentação de ‘Persistência e mudança’, de Gioconda Mussolini”. E, para fechar com chave de ouro, é apresentado o depoimento de Esdras Borges Costa, “Revisitando Itapetininga, ‘Freguesia’ e o Projeto Vale do São Francisco”, em que o pesquisador relata sua experiência em campo como integrante do projeto de pesquisa Vale do São Francisco, coordenado por Donald Pierson.

Já a seção *artigos e ensaios* apresenta dez textos que compõem um conjunto multifacetado de visões e aportes, imprescindível para o enriquecimento do diálogo entre as diferentes linhas de pesquisa antropológica contemporânea – pluralidade esta fomentada pela política editorial da revista. Selecionados dentre mais de cinquenta artigos avaliados – número expressivo de contribuições que nos deixa orgulhosos do trabalho que vem há anos sendo construído –, o conjunto de trabalhos inéditos apresentado nesta edição traz, portanto, como principal atributo a diversidade de temas e problemáticas enfrentadas, entre eles: a preocupação com a questão epistemológica; o emprego dos modelos teórico-metodológicos; e as in-

quietações que envolvem o posicionamento do pesquisador em campo.

Esta última dimensão é explorada no artigo “Anita Anota: El Antropólogo en al aldea (penal y burocratica)”, das autoras Deborah Dai-ch e Mariana Sirimarco, que traz uma reflexão sobre o fazer etnográfico. O foco do texto é o impacto que o ato de tomar notas causa nas relações em campo. Estranhas fazendo anotações, suspeitas, sempre indagadas a respeito do que faziam. Mesmo após aceita a presença, as anotações das antropólogas continuavam a influenciar suas relações com os informantes.

Em “Entre o mar e o rochedo: uma análise antropológica sobre as noções de natureza em ‘Os trabalhadores do Mar’ de Victor Hugo”, Marta Ciocari realiza uma leitura original da obra do escritor francês com base na discussão da literatura antropológica sobre a relação de oposição e complementaridade entre natureza e cultura. Assim, o traspasso entre elementos humanos e não humanos na narrativa gera multiplicidades lidas na chave do devir deleuzeano.

O artigo de Damián Setton, “Discursos religiosos y seculares en la legitimación de las prácticas religiosas. Las leyes dietéticas en el judaísmo”, analisa o processo por meio do qual o movimento religioso Jabad Lubavitch constrói o sentido da prática de suas leis dietéticas. Para tanto, discute as estratégias de posicionamento do movimento no campo religioso judaico e aponta para a imbricação e continuidade entre matrizes discursivas seculares e religiosas a partir de uma interessante etnografia.

No artigo “Jogo de Corpo, corpo de jogo: futebol e masculinidade”, Eliene Lopes Faria explora a questão de gênero no futebol escolar em um bairro de Belo Horizonte. A autora evidencia as dificuldades enfrentadas pelas mulheres ao tentar transpor a tradicional associação desta prática esportiva com o mundo dos homens, relacionada à constituição da própria identidade masculina. Além de técni-

cas, a atividade futebolística atua no sentido de transformar o próprio corpo do praticante, ao mesmo tempo em que é por ele alterada.

Alessandra Alexandre Freixo, no artigo “Da ‘Fazenda’ à ‘Comunidade’: espaços-tempos que se enraizam na região sisaleira da Bahia”, aborda os sentidos que o termo comunidade ganha entre diferentes agricultores da região do município de Valente na Bahia. Segundo a autora, fazia sentido aos sujeitos da pesquisa uma idéia de localidade construída, inicialmente como uma fazenda, na qual a idéia de comunidade se associa a atuação da igreja católica.

Por dispor de uma inserção privilegiada na instituição, Maurício Bacic Olic em seu artigo “A casa está na mão de quem? Hierarquia e relações de poder no interior de Unidades de Internação destinadas a jovens infratores”, apresenta uma rica etnografia que analisa o embate de forças no interior das diferentes Unidades de Internação do Centro de Atendimento Social ao Adolescente (antiga FEBEM) dentro do Complexo Raposo Tavares, localizado na cidade de São Paulo. O autor ilumina a dinâmica e os mecanismos de poder que permeiam as relações entre os agentes envolvidos no processo de cumprimento das medidas sócio-educativas.

A conduta de risco nas corridas ilegais de rua, ou “rachas” de carro, é o objeto de estudo de Leila Sollberger Jeolás no artigo “Pesquisa de campo em comunidades *on-line* sobre corridas ilegais de rua: velocidade, risco e masculinidade”. Tendo como um dos métodos principais de investigação a pesquisa em listas de discussão na internet, a autora procurou apreender os significados que tais práticas têm para os jovens que as vivenciam, principalmente no que se refere à experiência da velocidade e do risco presente nas corridas.

No artigo “I Encontro Nacional de Rap e Repente: à procura pela rima entre identidade e alteridade”, Karlla Christine Araújo Souza explora as tensões advindas dos processos de transformação no qual estão inseridas as nego-

ciações em torno da identidade, bem como as influências que as políticas culturais exercem sobre os grupos que elas envolvem. O I Encontro Nacional de Rap e Repente é trabalhado, no âmbito do artigo, como um exemplo concreto de como tais negociações podem ocorrer.

No artigo “Dois elos da mesma corrente: os rituais da Corrida do Imbu e da Penitência entre os Pankararu”, Priscila Matta investiga, a partir de uma perspectiva comparativa entre os Pankararu de Pernambuco e de São Paulo, os rituais da Corrida do Imbu e da Penitência, por meio dos quais, segundo a autora, é estabelecida uma rede de sociabilidade e de reciprocidade que envolve humanos e sobre-humanos.

O artigo de Pedro Lolli, “A história reintroduzida: temporalidade e ação humana”, que encerra esta seção, é um interessante exercício de reflexão sobre as relações entre mito e história. Diante de um tema que já se tornou clássico no debate antropológico, o autor procura dialogar com uma gama rica de autores – como Peter Gow, Manuela Carneiro da Cunha e Marshall Sahlins –, que produziram importantes desdobramentos a partir do horizonte traçado por Claude Lévi-Strauss.

A temática rural aparece na seção *Artes da vida*, que nesta edição traz um ensaio fotoetnográfico de Aline Izabel Costa Carvalho sobre a produção do polvilho em Conceição dos Ouros, pequena cidade do sul de Minas Gerais. No processo de fabricação, marcado por tempos e esperas, tudo se alinha para que o branco do pó seja moldado: a massa disforme, o trabalho refinado, os dias de sol e de chuva, etc.

A seção *traduções*, com duas contribuições valiosas, alcança seu principal objetivo: disponibilizar em língua portuguesa textos de interesse para o debate antropológico atual. Este número da *Cadernos* conta com a tradução elaborada por Mariana Mont’Alverne Barreto do texto “Imaginar a humanidade: para uma antropologia dos fins”, de Marc Augé. Arti-

go que, como lembra Edemilson Antunes de Campos em sua apresentação, traz “um exercício de imaginação intelectual de extrair as conseqüências das transformações vividas nas últimas décadas pela humanidade”, para assim sopesar as possibilidades de construção de uma antropologia dos fins.

A segunda tradução desta edição, realizada por Joana Cabral de Oliveira, traz o artigo “Nomear seu universo: Por quê? Como? Alguns exemplos entre as sociedades amazônicas”, de Françoise Grenand. Nesse texto, a partir da exposição de problemas em casos concretos do vocabulário, Grenand discorre sobre a dificuldade em ajustar nosso sistema de classificação do mundo vivente aos elaborados pelas populações ameríndias, e quiçá da vacuidade desta empreitada. Isto porque, como lembra Pedro Cesarino na introdução ao artigo, o que está em questão não é propriamente a divergência das classificações, mas a diversidade dos mundos sobre os quais elas são construídas.

Na seção *resenhas*, o leitor encontrará comentários críticos a livros e produções audiovisuais que tematizam as brincadeiras das crianças Panará; a inserção do negro na sociedade brasileira; a sociabilidade juvenil na cidade de São Paulo; a alimentação e nutrição em uma sociedade indígena amazônica; as relações entre a obra de Claude Lévi-Strauss e o universo artístico; e as características cosmológicas de povos do Baixo Oiapoque. Entre estas contribuições, selecionadas tendo em vista não só sua qualidade, mas também a diversidade temática, regional, institucional e editorial, quatro delas resultaram do **Projeto Resenhas**, que este ano contou com a colaboração das editoras Terceiro Nome, Editora Peirópolis, AnnaBlume, Humanitas, Biblioteca Carioca, EDUC, EDUFBA, Cortez, Cartas Diferentes, Museu do Índio/FUNAI, MDA/NEAD. Tal projeto, iniciado em 2008, procura estimular a produção de textos desse gênero, reconhecidamente

importantes para a geração de conhecimento e circulação de saberes.

Por fim, a seção *informe* desta edição é dedicada à apresentação do Instituto de Estudos Brasileiros da USP (IEB/ USP), centro privilegiado para os estudos sobre o Brasil nas diversas áreas das Ciências Humanas, fundado na década de 1960.

A maioria da *Cadernos de Campo* só pôde ser alcançada com a ajuda de inúmeros parceiros e colaboradores nestes dezoito anos de produção editorial. Em 2009 não foi diferente. Primeiramente, não seria possível a finalização desta edição sem a colaboração dos autores que confiaram seus textos à revista, e a todos os participantes do evento “*Constituindo um campo*”: *estudos de comunidade e o desenvolvimento das Ciências Sociais no Brasil (1940-1960)*, assim como de todos os pareceristas que aceitaram nosso convite para realização de avaliação *ad hoc*. Agradecemos também a todos os professores e funcionários do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo; ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social pelo financiamento, apoio e incentivo; bem como ao corpo de conselheiros da revista pelo suporte e estímulo para a continuidade de nosso projeto editorial.

Antes de encerrar este editorial, gostaríamos de registrar um agradecimento especial a todos os parceiros que possibilitaram a produção e divulgação da revista em 2009. Nossa gratidão ao Gustavo Santos, webdesigner do site de Departamento de Antropologia da USP; aos editores da *Revista de Antropologia*; e também ao diretor Aldo Fornazieri, professores, funcionários e alunos da Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) pela simpática e calorosa acolhida quando do lançamento da edição 17.

Os editores da *Cadernos de Campo* desejam a todos uma boa leitura!